



HISTÓRIA BANAL

Thaís Jacobsen¹

I

PÁGINA EM BRANCO

A página à minha frente continua em branco. Não há nada em que consiga pensar, exceto nele. Não é que não soubesse. Ouvira falar, e muito. Ontem, infelizmente, vi.

Saí do restaurante pouco antes da meia noite, logo depois de parte de mim morrer um pouco. E, não me pergunte como, não saberia dizer, vim para casa. Desde que cheguei, busco respostas para perguntas de uma vida inteira - sim, inteira, pois para mim não havia vida antes de conhecê-lo— e ainda não consegui escrever uma linha sequer.

Penso no vazio da folha em branco que, viva-se mil vidas, não se consegue preencher. Tudo já foi vivido, escrito e reescrito com muito mais graça do que eu seria capaz. Anões, sapos, defuntos, travestis e prostitutas; já se falou de tudo, não há mais o que dizer. Não há infelicidade à porta nem sofrimento que não tenha sido compartilhado. Não domino rimas fáceis; difíceis, então, nem pensar. Conto fantástico, talvez? Não. Não vou mexer em vespeiro habitado por estranhas criaturinhas azuis, nem, tampouco, pisar em formigas falantes. Falta competência. Palavras mimam outros escritores, não a mim. Nos meus textos, elas são como amantes em fim de linha: me traem como ele o fez, e ponto final. Sei que a página em branco precisa ser preenchida, mas hoje sou refém das imperfeições de meu texto e me falta imaginação por sobrar realidade.

Porém, o editor não aceita atrasos causados pelo que quer que seja, nem mesmo pela perplexidade em que me encontro, e preciso entregar o trabalho amanhã. Então, coloco o título e, insegura como num encontro às escuras, abro aspas, começo pelo final, e fecho aspas.

II

A VIDA EM PARÁGRAFOS

“Ontem, uma noite que parecia igual a todas as outras do último mês, Claudia levou sua solidão para passear. Lá pelas tantas horas, a angústia que sentia diminuiu seus passos e ela entrou no primeiro bar que viu. Pediu alguma coisa para comer e uma taça de vinho. Por alguns minutos — ou seriam horas? — se distraiu

¹ Bacharel em direito pela UERJ.



remexendo a comida, intocada no prato, e observando o vaivem das pessoas. Ele, por um acaso infeliz, também estava lá, no bar. Olhava para a porta de entrada a cada segundo, parecia sentir a mesma ansiedade do alcoólatra à espera da bebida. Quando ela chegou, Cláudia a reconheceu de imediato. A malemolência dos quadris, a alegria transbordante, os passos calculados a levaram até ele. É, ontem, Cláudia estava lá, no mesmo lugar que eles. Ele e ela, a estagiária”.

Não, não vou começar a história assim, falando dele, irreconhecível, revigorado pelo cheiro de pele jovem. Sim, ontem enxerguei muito além do que ele demonstrava em público. Seu desejo quase palpável por ela foi como uma avalanche da qual não escapei, me enterrou viva.

Mas como escrever seja lá o que for, se não consigo pensar em outra coisa senão nele? Em nós como estávamos desde o dia em que ela entrou em seu escritório, em sua vida? O silêncio embaraçoso na cama, seu corpo coberto, evitando contato. O sarcasmo envenenando as respostas às minhas perguntas cada vez mais raras. O desprezo aparente em seus traços, em seus olhos que já não me viam.

Vou até a adega, deixada cheia pela pressa dele em ir embora, e abro a segunda garrafa da noite, um Petrus reservado para grandes ocasiões. Sento na assim chamada “poltrona do papai”, tento relaxar um pouco. Estas pequenas transgressões cometidas me trazem um prazer enorme, mas meus pensamentos ainda parecem sobrepostos - sensação esquisitíssima. *“Será possível pensar assim, em camadas? A gente pensa uma coisa enquanto a outra, mais importante, fica ao fundo, latente, passando de um lado para o outro? Parece o quadro de Munch, o sujeito gritando, enlouquecido pela dor... Ou pela raiva, sei lá”.* De propósito, roço a sola suja dos chinelinhos prateados na camurça clara da banquetta para os pés. *“Cadeira do papai uma ova. Desde quando essa poltrona é exclusiva daquele cretino?...Hummm, bom à beça esse Merlot, desce redondinho redondinho...”*

Quanto mais bebo, mais as lembranças dos podres de Arnaldo, meu ex-marido canalha, me vêm à mente, e o drama vai ficando mais leve. Pela primeira vez, em muito tempo, presto atenção em mim mesma, no meu desconforto físico. Sinto as pernas um pouco dormentes, mexo os pés em movimentos circulares, do jeito ensinado pela aeromoça em uma das muitas viagens com ele – péssima companhia, diga-se de passagem.

Duas ou três horas depois, encontro forças para levantar – meio cambaleante, é verdade - do cadeirão confortável. Tenho náuseas, porém já é madrugada, não há mais tempo a perder. Além de um certo torpor, sinto o distanciamento necessário para a transformação da minha dor em dor alheia, do sofrimento em literatura - não é essa, justamente, a vantagem de ser escritora? *“...Ah, quer saber? Chega de lamúrias, encheu – o editor bonitão acharia esse nhêco nhêco insuportável. Além do mais, tenho vontade de rir, imaginando o “momento Viagra” dos pombinhos: ele montado nela, taquicárdico e suarento; ela, fingindo orgasmos múltiplos enquanto pensa na jóia bacana vista em alguma vitrine...Broxa...”* Tripudio, com a cabeça girando, numa espécie de “looping” causado pelos sentimentos contraditórios.



Minha gargalhada, os dentes tintos pela bebida, ecoa pela sala limpa, sem fumaça, livre dele.

Tomo um Alka Seltzer vencido, lavo o rosto com água quase gelada “*ui... ui ui*” e volto ao texto inerte, abandonado na tela do computador. Arrasto a porcaria da página preenchida até a metade - pelo o que agora me soa como lengalenga -, e jogo no cesto aramado de lixo, no canto direito do monitor.

Amanhece e finalmente terminei o conto. A realidade aparece aqui e ali mas, na ficção, eu me canso dele, de seu toque. Enjôo de seu esperma adocicado, de sua voz enrouquecida pelos charutos fedorentos. Agora ele é apenas um parágrafo composto de frases de efeito. No papel, eu o deixo por outro sem explicações. Sou eu a estar caminhando em direção a alguém, loucamente apaixonado, à minha espera no bar. Desesperado, observando de longe, está ele sem mim.

Coloco o ponto final na história, banalíssima, de desamor. Anexo o arquivo ao e.mail, aperto “send”... Foi.

Espreguiço. Tiro o pijama de cambraia de linho, todo amarfanhado, até meio sujo, e tomo uma longa chuveirada de água quente e gostosa – a primeira em quase dois dias. Enxugo-me devagar, consciente de meu corpo, visto a camisola sexy de seda pura azul Natier, decote profundo contornado por renda cor de chá. Só de sacanagem, borrifo os travesseiros com o perfume dele, esquecido no armário do banheiro. Puxo selvagememente o edredon e o jogo no chão. Meus cabelos, longos e soltos, acariciam minhas costas enquanto deito na cama king size forrada com lençóis de algodão egípcio imaculadamente brancos – um luxo.

Na penumbra do quarto, minha mão direita desliza devagar pela maciez da seda até encontrar o que procura. Fecho os olhos, fantasiando com o editor parecido com George Clooney. Sem a barulheira infernal dos roncos de Arnaldo, tudo o que se ouve são meus gemidos.